



## **MUSEU CASA DE RUI BARBOSA: ENTRE A MEMÓRIA DO PODER E O PODER DA MEMÓRIA**

RIBEIRO, Mônica Miranda Souto<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho reflete sobre a importância dos museus como espaços de educação não formal no processo de construção do saber histórico, especificamente em relação ao Museu Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro, analisando a dimensão educativa da exposição permanente, através das relações existentes entre Memória, História, Poder e Identidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museu Casa de Rui Barbosa - Espaços educativos não formais - Memória - Poder e identidade.

### **ABSTRACT**

This work reflects on the importance of museums as non-formal educational spaces in the building process of historical knowledge, specifically in relation to the Museum Casa de Rui Barbosa in Rio de Janeiro, analyzing the educational dimension of the permanent exhibition, through the relationship between memory, history, Power and Identity.

**KEYWORDS:** Museu Casa de Rui Barbosa - Non-formal educational - Memory - Power and identity.

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e estudante de Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: msoutoribeiro@bol.com.br



## INTRODUÇÃO

Este texto se propõe a apresentar uma síntese do meu trabalho monográfico que se insere no tema sobre espaços educativos não formais no âmbito das relações entre Memória, Poder e Identidade. Nessa perspectiva, procurei possibilidades de construção de novos olhares sobre a exposição permanente do Museu Casa de Rui Barbosa - localizado na Rua São Clemente, nº 134, em Botafogo / RJ -, como um espaço não formal de educação.

Busquei nesse trabalho refletir não só sobre a importância da utilização dos museus como espaços de educação no processo de construção do saber histórico, mas também pensar nas influências que determinadas tipologias museais exercem na forma de se relacionar com a história oferecendo, em determinados momentos, uma visão mais subjetiva da mesma.

Esta pesquisa nos remete de imediato a duas interrogações centrais, são elas: *Qual o interesse em transformar a casa de Rui Barbosa em um museu? Como um museu-casa pode favorecer a construção do conhecimento histórico e, portanto, ensinar?* Porém, ao iniciar meus estudos essas questões acabaram se desdobrando em inúmeros outros questionamentos, sendo eles: *O que é um museu-casa? No que ele se diferencia dos demais museus? Em que contexto surge o museu-casa? Qual o seu significado? Quais relações de poder estão envolvidas nessa construção? Quais são as memórias e os "silêncios" que permeiam o museu? Há identificação do público com as memórias presentes ou apenas uma representação das memórias pertencentes à figura de Rui Barbosa? Possuem preocupação com programas educativos? Qual o caminho educacional escolhido pelo museu para a exposição museológica? Como é a prática pedagógica museal? Qual sensação o museu-casa desperta em um visitante?*

Os museus-casa emergem no Brasil a partir de 1921, com o Museu Mariano

Procópio, todavia por se tratar de uma instituição de ordem privada, o Museu Casa de Rui Barbosa acaba levando o título de pioneiro nesse tipo de modelo conceitual no país, quando o analisamos sob a perspectiva de ser o primeiro museu-casa fundado pela esfera pública.

A escolha do Museu Casa de Rui Barbosa como estudo de caso se deu pelos seguintes motivos: foi considerado o primeiro museu-casa do país; se propõem a narrar aspectos da vida pública e privada de um dos maiores ícones da história nacional, Rui Barbosa; a presença de relações de poder e interesses políticos na construção de um museu sobre a vida de Rui; fica na cidade do Rio de Janeiro; e apresenta trabalho estruturado passível de investigação no presente momento.

Os objetivos revistuídos foram os seguintes: contextualizar o surgimento dos museus, especialmente dos museus-casa, dando destaque para as discussões a respeito dos museus e de seu papel educativo na sociedade; analisar o surgimento do Museu Casa de Rui Barbosa, apresentando as matrizes conceituais que o formam; compreender as relações existentes entre memória e poder no Museu Casa de Rui Barbosa; identificar e analisar a dimensão educativa do Museu Casa de Rui Barbosa e seu papel no possível fortalecimento de interesses políticos inseridos em um discurso mais amplo de identidade e memória nacional.

Por fim, essa pesquisa teve o intuito de estabelecer um estudo e discussão sobre e entre os conceitos de Memória e Educação, aproximando os espaços educativos não formais com os "lugares de memórias"<sup>2</sup>. Segundo Araújo (2012, p. 63), os museus, assim como outros espaços educativos não formais, são produtores de saberes próprios – frutos da experiência social e cultural e da construção das me-

<sup>2</sup> A expressão "lugares de memória" foi cunhado por Pierre Nora em sua obra intitulada *Entre memória e história: a problemática dos lugares* em 1993.



mórias, – e passam a assumir o papel de instrumentos no desenvolvimento cultural. Contudo, de acordo com Costa (2005, p. 12) não basta apenas garantir a democratização do acesso aos museus brasileiros para assegurar o processo de aprendizagem. É preciso formar leitores críticos aptos à função, à compreensão de mensagens, à desconstrução de discursos, à contextualização das fontes, dentre outras habilidades.

### **RELACIONANDO OS TEÓRICOS E A METODOLOGIA ESCOLHIDA**

Segundo Le Goff (1990), é no período do Renascimento que a memória ocidental se revoluciona. A partir do uso do impresso, o leitor é colocado frente a uma memória coletiva enorme, tendo na Revolução Francesa a sua maior explosão. Com a laicização das festas e do calendário, multiplicam-se as comemorações e as necessidades de celebração, despertando nas sociedades o desejo de se apropriar de novos elementos de suporte de memórias (s) como moedas, medalhas, selos e etc.

Além disso, Le Goff (id) afirma que é no final do século XIX e início do século XX que ocorreram manifestações mais significativas para a memória coletiva, devido principalmente, à construção de monumentos dedicados aos mortos no pós 1ª Guerra Mundial, o surgimento da fotografia e, conseqüentemente, da memória familiar, onde novos arquivos familiares são criados através dos retratos e postais. Dessa forma, temos nesse período, um grande desenvolvimento da memória social, que passa a se expandir nos campos da filosofia, literatura etc.

Porém, é com o desenvolvimento das Ciências Sociais, que passam a ocorrer pesquisas que fazem uma verdadeira exaltação à memória coletiva, levando ao surgimento da História Oral, na década de 50. Com isso, teremos o crescimento de

histórias de vida, história da história, dentre outras, que ainda se mantêm em voga nos dias de hoje em diversos campos do conhecimento.

É a partir desse momento que teremos o estabelecimento de um debate acerca da memória histórica e memória coletiva. Com o objetivo de tratar dessas questões retomo a Beatriz Sarlo (2007) e Paul Ricoeur (apud Araújo, 2012, p. 34-35) que consideram história e memória dois campos em conflito, pois a história muitas vezes duvida da memória, assim como a memória duvida da história, quando esta não estabelece em seu centro os direitos da lembrança.

Ainda nessa perspectiva de conflito entre história e memória, Sarlo (id) nos dirá que por vivermos atualmente em uma época de forte subjetividade, a credibilidade na história oral e nos testemunhos se restaura. Contudo, a autora nos chama atenção para o uso crucial da crítica sobre os relatos orais. De acordo com Sarlo (id), a apreensão do real será sempre parcial, uma vez que não se pode representar tudo o que o sujeito viveu em sua experiência. Logo, para o uso do testemunho na historiografia é preciso submetê-lo ao método crítico da história.

Dito isso, é possível retomarmos os pensamentos de Pollak (1992), quando este afirma que a memória é, em parte, herdada, não se referindo apenas à existência física da pessoa. Para o autor, a memória herdada possui como elemento uma organização em função das preocupações pessoais e políticas de um determinado momento, mostrando que a memória é um fenômeno construído, onde as "memórias subterrâneas", ou seja, as memórias de uma classe menos favorecida, seguem no silêncio, de maneira quase que imperceptível, sendo abafadas pela supremacia de uma memória construída no âmbito das esferas hegemônicas.

Além disso, Pollak (id) afirma que se a memória herdada é um fenômeno



construído social e individualmente, é possível dizer que ocorre uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, sendo esta última o sentido de imagem de si, para si e para os outros. Dessa maneira, se há a possibilidade de um confronto entre a memória individual e a memória dos outros, podemos concluir, segundo Pollak (id) que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, além de conflitos que opõem grupos políticos diversos.

Neste sentido, nos dirá Pollak (id) que a memória, na qualidade de elemento de disputa entre várias organizações, quando instituída torna-se reflexo dos enquadramentos da memória, efetuando um trabalho de manutenção, unidade e continuidade, que prevalecerá até que surjam novos temas, objetos e interpretações para disputar-lhes o lugar de domínio.

Entretanto, vale ressaltar, segundo Chagas (2002, p. 36) que muitas vezes a memória é justificada pela ameaça do esquecimento, fazendo com que esse duelo entre memória e esquecimento se transforme na própria legitimação, uma vez que ambos se completam e estão a serviço de sujeitos que se constroem e são construídos através de práticas sociais.

Sendo assim, Chagas (id) afirma que ao encarar os conceitos de memórias e esquecimento como sendo algo cultivado e semeado, é preciso defender e estimular a importância de se trabalhar pela desnaturalização desses conceitos e pelo entendimento de que eles são resultado de um processo de construção que envolve outras forças, como por exemplo, o próprio poder. Dessa maneira, Chagas (id) coloca que o poder é semeador e promotor de memórias e esquecimentos.

Ademais, Oliveira (2008, p. 43), assim como Pollak (id), também defende que a memória está diretamente ligada aos mecanismos de controle e dominação de alguns grupos sobre outros, afirmando

que *é no âmbito de esferas hegemônicas que se define o que ficará registrado em livros e programas escolares, tornando-se "memória histórica" ou "história oficial".*<sup>3</sup>

Segundo Chagas (id, p. 57), memória e poder são dois elementos que se exigem, pois *onde há memória há poder e onde há poder há o exercício de construção de memória.*<sup>4</sup> Além disso, Chagas (id) pontua que o exercício do poder irá constituir os "lugares de memória" que, por sua vez, também se encontram dotados de poder, uma vez que não há memória espontânea e, portanto, é preciso criar arquivos, organizar celebrações etc.

De acordo com Nora (id), "lugares de memória" correspondem aos espaços destinados a guardar a história que deverá ser contada de geração em geração nas diferentes sociedades ao longo do tempo. Assim, podemos concluir que os "lugares de memória" correspondem a espaços educativos não formais, tais como museus e cinemas, pois educam gerações. Todavia, esses "lugares de memória" por definição se relacionam com as relações de poder, construindo espaços destinados à reconstrução do passado, ora lembrando, ora esquecendo, de acordo com a vontade de seus agentes. Dessa maneira, é preciso analisá-los com cuidado e atenção na tentativa de compreender que os discursos por eles montados visam atender o interesse de determinados grupos ou indivíduos.

Dessa forma, tendo o Museu Casa de Rui Barbosa como "lugar de memória" foi utilizada uma metodologia qualitativa

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. História, memória e instituições: algumas reflexões teórico-metodológicas para os trabalhos do Projeto Memória – SiBI/UFRJ. In: OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (org). Universidade e lugares de memória. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informações, 2008.

<sup>4</sup> CHAGAS, Mário de Souza. Memória e poder: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia, nº. 19, v.19, jun. 2002.



através de observações de campo, entrevistas e análise documental, uma vez que se pretendeu analisar e identificar a dimensão educativa do Museu, entendendo como são construídas as relações de memória e poder dentro dessa instituição e como estas atingem o público visitante.

Com relação ao trabalho de campo, este pode ser dividido em blocos que ocorreram simultaneamente, sendo eles: observações, entrevistas e análise do Livro de Assinaturas dos visitantes. O tempo de observação no Museu Casa de Rui Barbosa ocorreu de julho de 2015 a janeiro de 2016 e envolveu o acompanhamento de algumas visitas guiadas (tanto de universidades, quanto do público em geral), além de outras atividades como: observação das crianças brincando no jardim do Museu e conversas informais com alguns visitantes e funcionários do local.

Meu caminho metodológico envolveu também entrevistas semiestruturadas, que podem ser divididas em dois blocos: o primeiro deles com os visitantes e o segundo com a museóloga e atual diretora do núcleo educativo do Museu. Um dos motivos para a escolha das entrevistas com o público foi a análise de Marília Cury (2004, p. 95), que aponta o público como sujeito ativo em interação com a exposição. Segundo a autora, é ele que permite a exposição ganhar forma e conteúdo definitivo, isto porque é parte integrante da mesma. Logo, para que haja um processo comunicacional é preciso compreender que um é constitutivo do outro e ambos definem esse processo.

Sendo assim, as entrevistas se deram com dois grupos de visitantes, sendo um formado por estudantes de Direito da Universidade Veiga de Almeida, e o outro por estudantes de História da Universidade Federal de Uberlândia. Ambos os grupos eram formados por cerca de vinte pessoas. Além das entrevistas, foram realizados cinco acompanhamentos de pequenos grupos de visitantes, com o objetivo de

perceber como o Museu se relacionava com o seu público local e como esse público responde ao Museu.

Ademais, foi realizada a análise do Livro de Assinaturas do Museu Casa de Rui Barbosa, com o objetivo de traçar um perfil acerca do público que o visita, dando destaque aos quantitativos referente a gênero, idade, escolaridade, dentre outros. Além disso, outras informações e conversas informais também foram realizadas durante esse período, tendo como foco principal o movimento do público no jardim e os funcionários locais, buscando atingir o maior número possível de dados para o desenvolvimento de uma análise profunda a respeito da dimensão educativa do Museu Casa de Rui Barbosa.

#### **ENTRE A MEMÓRIA DO PODER E O PODER DA MEMÓRIA**

Retornaremos as interrogações realizadas na introdução de minha pesquisa, analisando as questões gerais e deixando por último a segunda interrogação escrita no início da Introdução deste texto, ou seja, *Como um museu-casa pode favorecer a construção do conhecimento histórico e, portanto, ensinar?*

Dessa maneira, quanto às questões levantadas – *O que é um museu-casa? No que ele se diferencia dos demais museus?* – nos deparamos com os autores Ponte (2007), Abreu (2009) e Rangel (2015) para tentar elucidar essas questões. De acordo com tais autores, vimos que os museus-casa seriam edifícios históricos que serviram de residência de alguma figura pública de grande importância nacional, regional ou até mesmo local, que se encontram abertos ao público para exibição de mobiliário e/ou coleções originais, sem perder a essência de seus antigos donos.

Tais museus foram sendo (re)organizados em um sistema de classificação ao longo dos anos com o objetivo



de melhor agrupar as classificações, evitando equívocos na comunicação entre público e instituição, tendo a proposta mais detalhada de classificação pertencente a um grupo coordenado por Rosana Pavonni e Ornella Selvafolta, no final da década de 1990, que os classificou em 9 categorias, como Casa de pessoas ilustres (*Personality Houses*); Residências nobres (*Ancestral Homes*) e Palácios reais e lugares de poder (*Power Houses*), por exemplo. No caso do Museu Casa de Rui Barbosa podemos incluí-lo na classificação de *Personality Houses*, por se tratar da casa de uma figura ilustre.

Segundo Rangel (id, p. 185), os museus-casa se diferenciam dos demais museus, pois, ao ser transformada em museu, a casa passa a representar a vida e a morte, materializando a presença, através da ausência daquela personalidade histórica ou grupo representado. Seus objetos, móveis e arranjos recriam o cenário da vida privada de uma importante figura pública, envolvendo o visitante em um forte sentimento de representatividade e familiaridade, que outras tipologias não conseguem apresentar de maneira tão característica, havendo assim, o fortalecimento identitário, em geral hegemônico, nacional, regional ou local.

As reflexões sobre *Em que contexto surge o museu-casa? Qual o seu significado?* levaram-nos a constatar que transformar a casa de "alguém" em um museu é criar a imagem de um ícone, que serve de exemplo não apenas em sua vida pública, mas também em sua vida privada. Sua figura é perpetuada na história, como resultado de negociações políticas que escolheram consagrar determinado cidadão para simbolizar a sua versão desejada da história nacional. Como afirma Chagas (2002, p. 14), nos deparamos com o poder da memória ou a memória do poder, onde esta última me parece ser o caso.

Tal constatação já nos encaminha a responder as próximas questões, que

são: *Quais relações de poder estão envolvidas nessa construção? E Qual o interesse em transformar a casa de Rui Barbosa em um museu?* Percebemos que a criação de um museu-casa ocorre, principalmente, em decorrência da vontade política de indivíduos e grupos e representa, segundo Chagas (id), a concretização de determinados interesses. No caso do Museu Casa de Rui Barbosa, temos a transformação da casa em museu como um símbolo da instauração da República civilista no Brasil e a negação, portanto, do regime monárquico e religioso.

De acordo com Rangel (is, p. 112), transformar a casa de Rui Barbosa em um museu-casa é estabelecer a consagração da figura de Rui na memória coletiva. Segundo a autora (id), é a partir de ambientes dispostos por intenções de pessoas distintas, que se encontra a predisposição do museu-casa em se constituir como representante da nação. Logo, é possível compreender o motivo que levou a transformação da residência de Rui Barbosa em um museu e não apenas a construção de um memorial em sua homenagem. Para Rangel (id, p. 145), a possibilidade da criação de um espaço biográfico, dava a figura de Rui Barbosa uma visibilidade e uma dimensão muito maior que qualquer outra ação poderia ter oferecido, uma vez que o espaço permite a leitura da personagem de Rui Barbosa, transformando-o em sujeito e objeto da sua própria história.

Nesse momento, nos voltamos para as questões se *Há identificação do público com as memórias presentes ou apenas uma representação das memórias pertencentes à figura de Rui Barbosa?* e *Qual a sensação que um museu-casa desperta em seu visitante?* Observamos durante o trabalho de campo, que de fato existe uma identificação do público com as memórias trabalhadas na exposição. Em concordância com os pensamentos de Vieira (2007, p. 157), vimos que os objetos e ambientes presentes no Museu Casa



de Rui Barbosa são capazes de abrir canais com a memória do público que o visita, despertando uma série de associações mentais que irão ativar lembranças, histórias, vivências, transformando o museu em um espaço que permite a construção da subjetividade, uma vez que o mesmo é capaz de provocar sentimentos e pensamentos em seus visitantes. Dessa maneira, entendemos que o Museu Casa de Rui Barbosa educa, uma vez que consegue transformar subjetividades, criando novas identidades. Segundo Silva (1999), *educar é transformar subjetividades e produzir identidades* (SILVA, apud ARAÚJO, 2012, p. 236).

No que diz respeito à questão referente a *Quais são as memórias e os "silêncios" que permeiam o museu?* Entendemos, a partir de nossas observações e estudos, que o Museu Casa de Rui Barbosa busca transmitir em sua exposição à imagem de um mito, que se apresenta tanto em seu aspecto público, quanto em sua vida privada. Não há na exposição e nem no discurso expositivo problematização sobre a memória construída no Museu ou sobre a existência de outras memórias na casa. Não temos a presença, como nos assinala Pollak (1989, p. 4), de memórias subterrâneas na composição do discurso museal ou da pedagogia museal escolhida, embora saibamos que tais memórias existam de forma latente.

O que encontramos marcadamente no discurso do Museu Casa de Rui Barbosa foi à constatação do fortalecimento da figura do mito, que se apresenta como um excepcional político, importante figura pública, além de um pai adorável, marido amoroso e cidadão modelo para as futuras gerações. Portanto, há no discurso do Museu uma intencionalidade clara no esforço dessa identidade hegemônica.

Tal compreensão já nos encaminha, por fim, para as indagações sobre *Qual o caminho educacional escolhido pelo museu para a exposição museológica?*

*Como é a prática pedagógica museal?* Observamos que o Museu Casa de Rui Barbosa estabelece uma prática pedagógica que utiliza a casa como o seu principal instrumento de construção de memórias e fortalecimento identitários.

Notamos, a partir dos pensamentos de Martins (2005, p. 37), que existe uma ação muito presente no Museu de trabalhar determinados objetos e até mesmo a própria casa, estimulando uma reflexão acerca da noção de historicidade, compreendendo diferentes relações entre objeto-sociedade.

Contudo, no que diz respeito à figura do patrono, o Museu Casa de Rui Barbosa não busca estabelecer ações pedagógicas que levem a problematização de sua personagem pública. As obras de Rui, seus escritos, sua carreira política, que se estabelece não apenas em momentos de sucesso, mas também em fortes crises, acabam ficando à margem diante das atividades pedagógicas do Museu relacionadas ao espaço da casa. Pelo menos até o momento as crises são "lapsos" nessa memória do poder constituído. Além disso, não há problematizações em torno da vida privada de Rui Barbosa. Todo o discurso apresentado pela exposição estabelece o fortalecimento da imagem de um homem, que na sua intimidade, também se mostrava uma personagem ideal.

Dessa forma, percebemos que há no discurso do Museu Casa de Rui Barbosa uma busca pelo "encantamento", baseado em um tripé formado pelas noções de representatividade, pertencimento e intimidade. Todavia, compreendemos, após o trabalho de campo, que o museu-casa não deve se estabelecer apenas como um símbolo de fascínio para o visitante. É preciso que o museu trabalhe mais numa relação não mistificadora, que segundo Cabral (2006, p. 4), desperte a possibilidade de discussão sobre que contribuição aquela casa e o seu patrono oferecem para o



estabelecimento do entendimento histórico de seu contexto.

Portanto, em concordância com os dados levantados durante o trabalho de campo, reafirmamos que o Museu Casa de Rui Barbosa ainda não alcança todos os seus próprios princípios, ou se encontra em construção quando este estabelece um discurso que estimula a permanência do mito Rui Barbosa, seja em sua vida pública ou privada, e ações pedagógicas que colocam a casa e os objetos como instrumentos principais de problematização.

Ademais, vale ressaltar que o Museu Casa de Rui Barbosa possui um imenso potencial pedagógico, uma vez que o mesmo possibilita um contato mais direto e personalizado com os objetos, os espaços e as memórias. Logo, é necessário, uma maior política de divulgação por parte da Fundação, para que o Museu consiga atingir cada vez mais um número maior de visitantes, fortalecendo-se como um espaço educativo não formal envolvido com o público e comprometido com o seu papel social.

Por fim, voltamos a indagação deixada por último neste trabalho que consiste em saber *Como um museu-casa pode favorecer a construção do conhecimento histórico e, portanto, ensinar?* Entendemos que a resposta dessa pergunta, encontra-se melhor explicitada através dos pensamentos de Cabral (id), a partir das falas de Horta (1997, p. 113), quando coloca que um museu-casa cumpre o seu propósito educacional quando este se propõe a:

(...) penetrar nos labirintos de signos e significados aos quais os elementos do museu casa histórica emprestam sua matéria prima. É alfabetizar os usuários na leitura dos diferentes níveis de representação, codificação, presentes nesses signos e símbolos e procurar meios e estratégias que permitam a sua decodificação. É, portanto, desmistificar a natureza sagrada dessas relíquias e transformá-las em instru-

mentos de compreensão da casa, enquanto tipo sócio-cultural, a função na sua trajetória e metamorfoses e na relação com os habitantes ou personagem-símbolo que ela representa e, conseqüentemente, fazer o mesmo em relação ao personagem ao qual ela serve de pedestal. Percorrer este labirinto de informações interconectadas é não apenas visitar sala a sala, num roteiro pré-estabelecido, mas abrir mentalmente gavetas, armários, cofres, baús, estantes e prateleiras, percorrer o sótão das memórias esquecidas e os porões da sensibilidade humana, cheia de fantasmagorias. (1997:113)<sup>5</sup>

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ARAUJO, Helena Maria Marques. *Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades*. Tese. (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CABRAL, Magaly. Educação em Museus Casas Históricas. In: Site: [www.ruibarbosa.gov.br](http://www.ruibarbosa.gov.br), 2006.

CHAGAS, Mário de Souza. Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. In: Site: [www.quarteirao.com.br/pdf/mchagas](http://www.quarteirao.com.br/pdf/mchagas). 2000.

\_\_\_\_\_. Memória e poder: dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 19, v.19, jun. 2002.

COSTA, Carina Martins. *Uma casa e seus segredos: a formação de olhares sobre o Museu Mariano Procópio*. Dissertação

<sup>5</sup> CABRAL, Magaly. Educação em Museus Casas Históricas. In: Site: [www.ruibarbosa.gov.br](http://www.ruibarbosa.gov.br), 2006.



(Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais). Rio de Janeiro: FGV, 2005.

CURY, Marília Xavier. Os usos que o público faz do museu: a (re) significação da cultura material e do museu. *MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e artístico Nacional, n.1, p. 86-106, 2004.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. O Museu Casa e a Museologia. In: *Anais do I Seminário sobre Museus Casas: Limites, Desafios, Soluções*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 104-114, 1997.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas; Editora da Unicamp, 1990.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: Projeto História, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. História, memória e instituições: algumas reflexões teórico-metodológicas para os trabalhos do Projeto Memória – SiBI/UFRJ. In: OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (org). *Universidade e lugares de memória*. Rio de Janeiro: Universidade federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informações, p. 41-61, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, nº 10, p. 200-215, 1992.

PONTE, Antônio Manuel Torres da. *Casas-Museu em Portugal: teorias e práticas*. Porto, 2007. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio, Universidade do Porto, Portugal.

RANGEL, Aparecida M. S. *Museu Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado*. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2015.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

Recebido em: 02/06/2016

Aceito em: 27/06/2016